

CATEGORIA DA TOTALIDADE EM *HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE* DE GYÖRGY LUKÁCS: UMA APROXIMAÇÃO ÀS QUESTÕES DE MÉTODO NO MARXISMO

Antonio Marcondes dos Santos Pereira¹
Karla Raphaella Costa Pereira²
Frederico Jorge Ferreira Costa³
Eduardo Ferreira Chagas⁴

RESUMO:

O presente artigo é resultado parcial de pesquisa em educação e expõe uma aproximação à categoria de totalidade na obra *História e consciência de classe* do filósofo húngaro György Lukács. Apesar de criticada pelo próprio autor, a obra já aponta para um problema central do método dialético: a categoria da totalidade. Como estudo parcial de uma pesquisa maior, este texto não visa esgotar a categoria, mas indicar linhas para compreensão dessa na trajetória do autor. Metodologicamente, é uma pesquisa bibliográfica categorial. Além disso, encaminha alusões críticas com base no arcabouço marxiano, assumido nas últimas obras de Lukács com entendimento mais coadunado ao legado de Marx. Na primeira parte do texto, situa-se a obra *História e consciência de classe* na trajetória de seu autor, dando ênfase às críticas por ele realizadas em prefácio de 1967, objetivando indicar o lugar desse trabalho de 1923 no legado de Lukács. Por último, expõem-se efetivamente algumas considerações decorrentes da leitura da obra em questão, rastreando a concepção de totalidade apresentada nela, bem como a relação estabelecida com o método dialético na compreensão última de Lukács. Esta parte constitui um todo articulado, por isso se justifica sua publicação, apesar de ser momento de uma totalidade maior com o qual se articula. É importante para a pesquisa de que faz parte por sistematizar estudos voltados para a apropriação imanente de uma categoria em determinada obra. Assim, foi um movimento dialético quanto à forma, pois engendrou uma relação entre o todo e a parte da pesquisa, e quanto ao conteúdo, já que visa a interpretação do método. A relevância social deste trabalho se ancora na necessidade de aclarar o desenvolvimento da categoria totalidade para o filósofo húngaro e, assim, para a efetivação do método dialético, além de outras categorias que fundamentam o marxismo.

228

Palavras-chave: Totalidade. Método Dialético. História e Consciência de Classe.

THE CATEGORY OF TOTALITY IN GYÖRGY LUKÁCS' *HISTORY AND CLASS CONSCIOUSNESS*: AN APPROACH TO THE QUESTIONS OF METHOD WITHIN MARXISM

ABSTRACT:

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (PPGEB-UFC) e mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Email: antoniomarcondes_pereira@yahoo.com.br.

² Doutoranda em Educação e Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Professora da rede estadual de ensino do Ceará (SEDUC-CE). Email: karla_raphaella@hotmail.com.

³ Doutor em Educação. Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Pesquisador colaborador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO. Membro do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UECE e do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social – MASS/UECE. Coordenador do Grupo de Pesquisas Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana – GPOSSHE. Email: frederico.costa@uece.br.

⁴ Professor do curso de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da universidade Federal do Ceará (UFC), professor do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira (FACED-UFC). Atualmente é bolsista de produtividade do CNPQ (PQ nível 2). Email: ef.chagas@uol.com.br.

The present article is a partial result of research in education and exposes an approach to the category of totality in the work *History and class consciousness* of the Hungarian philosopher György Lukács. Although criticized by the author himself, the work already points to a central problem of the dialectical method: the category of totality. As a partial study of a larger research, this text does not aim to exhaust the category, but to indicate some outlines for its comprehension in the trajectory of the author. Methodologically, it is a categorical bibliographic research. In addition, it addresses critical allusions based on the Marxian framework, assumed within Lukács' later works with a more tuned understanding about Marx's legacy. In the first part of the text, we locate the work *History and class consciousness* in the trajectory of its author, emphasizing the criticisms he made in the 1967 preface, aiming to indicate the place of this 1923 work within Lukács' legacy. Finally, some considerations are exposed as a result of the reading of the work in question, tracing the conception of totality presented in it, as well as the relationship established with the dialectical method in Lukács' ultimate understanding. This part constitutes an articulated whole, so its publication is justified, although it is a moment of a greater totality with which it articulates. It is important for the research that is part of systematizing studies aimed at the immanent appropriation of a category in a particular work. Thus, it was a dialectical movement as for its form, for it engendered a relation between the whole and the part of the research, as well as for the content, since it aims at interpreting the method. The social relevance of this work is anchored on the need to clarify the development of the category of totality for the Hungarian philosopher and, thus, for the effectiveness of the dialectical method, in addition to other categories that underlie Marxism.

Keywords: Totality. Dialectic Method. History and Class Consciousness.

INTRODUÇÃO

O presente texto expõe parte de pesquisa em educação ainda em andamento. Trata-se de resultado parcial da análise bibliográfica categorial. A parte aqui apresentada é resultado de leitura imanente preliminar da obra *História e consciência de classe* de György Lukács, de 1923, com o objetivo de realizar um movimento de aproximação à categoria totalidade. Esta obra, apesar de ter influenciado teóricos marxistas no século XX, foi objeto de crítica pelo próprio autor. Segundo ele, superada sob o argumento de que ali o materialismo histórico dialético de Marx ainda não havia sido plenamente compreendido. Fato que só aconteceria após os anos de estudos no Instituto Marx-Engels de Moscou, no início dos anos de 1930, quando o filósofo húngaro teve acesso e pôde estudar os cadernos de Marx, que ficaram inéditos até 1932, além de textos de Lenin.

Metodologicamente, então, o presente escrito é fruto de revisão bibliográfica da obra *História e consciência de classe* com o objetivo de descrever criticamente a categoria da totalidade na forma como aparece no texto lukacsiano de 1923. Além da totalidade, como consequência necessária para aclarar a questão em foco, é apresentada outra categoria que se relaciona com a primeira, a saber: método dialético. Além da obra já citada, que aqui foi estudada em sua versão traduzida para o português pela editora

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

Martins Fontes (LUKÁCS, 2003), utilizaram-se apontamentos de Celso Frederico acerca das proposições de Lukács (FREDERICO, 2013), bem como se fez indispensável recorrer ao próprio Marx (2008, 2007 e 2013), em alguns momentos.

Para que o intento acima se efetive textualmente na segunda parte aqui apresentada, a primeira apresenta a obra *História e consciência de classe*, situando-a na trajetória de seu autor, bem como ponderando a autocrítica por ele realizada no famoso, entre os lukacsianos, prefácio de 1967. A primeira parte, nesse sentido, propõe-se a oferecer um panorama geral do que se trata aqui para situar a trajetória intelectual de Lukács.

Entender as revisões, transformações teóricas de um pensador marxista da importância de Lukács, tomando seu pensamento em momentos de sua vida e posição intelectual, certamente causa uma deformação que gerará inevitavelmente uma incompreensão da forma lukacsiana, ontologicamente situada, de explicar o mundo dos seres humanos. A relevância do texto se ancora no fato de que a compreensão da categoria totalidade na obra de Lukács tem centralidade nas questões epistemológicas e metodológicas da forma de ver o mundo e, principalmente, transformá-lo.

História e consciência de classe: situando a obra na trajetória de Lukács

Segundo o próprio Lukács (2003, p. 02), os escritos do prefácio de 1967 à *História e consciência de classe* não devem ser tomados como sem importância porque, com a devida distância crítica, ele ilumina não somente os estágios intelectuais, mas, ao mesmo tempo, as etapas de seu itinerário geral.

Netto (1992) divide a trajetória de Lukács em três períodos: o **neokantiano**, no qual há a influência de Simmel e Weber; o período **pré-marxista**, uma etapa de transição sob o signo de Hegel, no qual Lukács acessa a dialética; e o período **marxista** que divide-se em: a) 1919 – 1923, no qual se dá a adoção do marxismo sob forte influência de Rosa Luxemburgo e no qual produz *História e consciência de classe*; b) 1924 – 1933, período de exílio na URSS, fase de repúdio à *História e consciência de classe* e produção das *Teses de Blum*; c) 1933 – 1945, trabalhos centrados em questões de arte e literatura, produz *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*; d) 1945-1956, retorna à Budapeste e produz vastamente sobre arte e literatura; e) 1956-

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

1971: centra-se na elaboração sistemática da sua *Estética*, na produção de crítica avulsa (literária e política) e na constituição da *Ontologia do ser social*.

A redação de *História e consciência de classe* data de 1922. Em que, de acordo com seu autor (2003, p. 13), ela surgiu num “período de transição profundamente crítico”; consistiu, em parte, na reelaboração de textos mais antigos, na inserção de alguns sem nenhuma modificação e de dois textos totalmente inéditos. Sobre a obra, afirma Lukács (2003, p. 14):

História e consciência de classe representa objetivamente - contra as intenções subjetivas de seu autor - uma tendência no interior da história do marxismo que, embora revele fortes diferenças tanto nas consequências políticas, volta-se, voluntária ou involuntariamente, contra os fundamentos da ontologia do marxismo (LUKÁCS, 2003, p. 14).

Lukács considera, então, que sua obra faz um desvio que exerce reação imediata no conceito de economia, explica que *História e consciência de classe* elimina do conceito de economia a categoria do trabalho como mediador do metabolismo da sociedade com a natureza, assim, “[...] os pilares reais e mais importantes da visão marxista do mundo desaparecem, e a tentativa de tirar, com extrema radicalidade, as últimas conclusões revolucionárias do marxismo permanece sem uma autêntica justificação econômica” (LUKÁCS, 2003, p. 16).

O filósofo magiar é firme em sua autocrítica: não compreendeu que a individualidade superior se conquista por um processo histórico em que os indivíduos são sacrificados. “Deste modo, tanto a exposição das contradições do capitalismo como a da revolução do proletariado adquirem uma ênfase involuntária de subjetivismo dominante” (LUKÁCS, 2003, p. 16-17).

Outro conceito influenciado pela incompreensão da categoria trabalho foi o de práxis, de acordo com as palavras do autor, o conceito foi estreitado e deformado, construindo, para a práxis revolucionária, um caráter excessivo “[...] que correspondia à utopia messiânica própria do comunismo de esquerda da época, mas não à autêntica doutrina de Marx” (LUKÁCS, 2003, p. 17). Segundo Lukács (2003, p. 45-46), com o acesso aos textos de Marx ainda inéditos em 1930, pode solidificar sua percepção acerca da falha de toda estrutura de *História e consciência de classe* e de que, desta compreensão, nasceu a necessidade de “[...] investigar os nexos filosóficos entre economia e dialética”.

Neste ponto, explicita-se a problemática do método.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

Marxismo ortodoxo não significa, portanto, um reconhecimento acrítico dos resultados da investigação de Marx, não significa uma ‘crença’ nesta ou naquela tese nem a exegese de um livro ‘sagrado’. A ortodoxia, em questão de marxismo, refere-se, antes, exclusivamente, ao *método* (LUKÁCS, 2003, p. 29).

Duas considerações acerca deste prefácio são fundamentais: um intelectual da envergadura de Lukács assume a possibilidade de falha e não se exime da correção de seus erros e, em segundo lugar, o faz graças ao apego ao correto entendimento do legado marxiano: o método de compreensão do real.

Um dos grandes méritos de *História e consciência de classe* para seu autor, apesar das duras autocríticas aqui expostas, foi restituir a categoria da totalidade a posição metodológica que ocupara na obra de Marx, mesmo com seu “[...] exagero hegeliano, porquanto opunha a posição metodológica central da totalidade à prioridade da economia” (2003, p. 21), leia-se: “Não é o predomínio da e motivos econômicos na explicação da história que distingue decisivamente o marxismo da ciência burguesa, mas o ponto de vista da totalidade” (2003, p. 21). E ainda: “A primazia da categoria da totalidade é portadora do princípio revolucionário da ciência” (2003, p. 21).

Outras categorias são re-analisadas por Lukács, a exemplo da alienação, o que não é possível expor aqui, pois se objetivava apresentar a obra na trajetória do filósofo húngaro, bem como sua autocrítica, destacando algumas categorias fundamentais para sua posterior apreensão do método marxiano.

232

História e consciência de classe: rastreando a categoria da totalidade

Em *História e consciência de classe* o conhecimento dos diferentes fatos da vida social, enquanto conhecimento da própria realidade e do desenvolvimento histórico, só se torna possível numa *totalidade*. “Esse reconhecimento parte daquelas determinações simples, puras, imediatas e naturais [...], para alcançar o conhecimento da *totalidade concreta* enquanto reprodução intelectual da realidade” (LUKÁCS, 2003, p. 76, em itálico nosso). As determinações a que Lukács alude são as *formas fenomênicas*, imediatas de manifestação, num primeiro nível de realidade do capitalismo. Mas a totalidade concreta, só se apresenta ao pensamento pela mediação da “concreção real” que visa, exatamente, apreender as múltiplas determinações da realidade concreta; a essência da realidade em si. Portanto, a totalidade concreta se apresenta ao pensamento

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

de forma mediatizada. Lukács se fundamenta em Marx⁵ para conceber a realidade como uma “rica totalidade de determinações e relações diversas”; o concreto como concreto pensado.

A *totalidade concreta* como totalidade de pensamento; “como uma concreção de pensamento” é na realidade de acordo com Marx, um resultado do pensar, do conceber idealmente o movimento do real; o concreto que se manifesta como um processo de síntese; como produto e, não como ponto de partida, ainda que seja “o ponto de partida da intuição e da representação”. Nesse sentido, o materialismo vulgar é que ao contrário, se reduz apenas a reproduzir as determinações fenomênicas e simples da vida social. O materialismo vulgar, portanto, acredita que pode chegar à exatidão dos fatos sociais descartando a perspectiva da totalidade concreta; desembocando num isolamento abstrato e buscando explicar os fatos, por meio de leis científicas abstratas, sem nexos com a realidade concreta.

Lukács entende que a “grosseria e o vazio intelectual” dos postulados reflexivos estabelecidos pelo materialismo vulgar consiste, sobremaneira, no fato de que, o “caráter histórico e passageiro” da sociedade capitalista ficam ofuscados, pelas categorias “intemporais”, “eternas”, “comuns” a todos os aspectos característicos da vida social. Essa perspectiva de análise foi flagrantemente percebida na economia vulgar burguesa. Com efeito, tão logo o método dialético e, seu elemento central: *a totalidade concreta* foi estremecido “[...] tão logo as partes deixaram de encontrar no conjunto seu conceito e sua verdade e, em vez disso, o todo passou a ser eliminado da investigação como não-científico ou reduzido a uma simples ‘ideia’ ou uma ‘soma’ das partes [...]”, a relação reflexiva estabelecidas entre as partes separadas, num todo sem nexos e relações “apareceu como uma lei intemporal de toda a sociedade humana” (LUKÁCS, 2003, p. 78).

Lukács vai haurir de Marx o postulado, no qual este afirma que “as relações de produção de toda sociedade formam um conjunto”. Essa assertiva teórica constitui o ponto de partida do método dialético e, o fundamento do conhecimento da historicidade; da totalidade das relações sociais. Essa *concepção dialética da totalidade* constitui na

⁵ “O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida [...]; enquanto o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo mentalmente como coisa concreta” (MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 258-259).

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

verdade o “único método capaz de compreender e reproduzir a realidade no plano do pensamento” (LUKÁCS, 2003, p. 78-79). A *totalidade concreta* enquanto categoria fundamental da realidade é estabelecida por nexos ou conexões intrínsecas numa unidade orgânica entre as partes e o todo, reciprocamente imbricados; dialeticamente relacionados. No sentido da questão aqui explicitada, Lukács chama atenção para o fato de que na *Lógica* de Hegel “a relação do todo com as partes constitui a transição dialética da existência para a realidade” e que “nesse contexto, a questão acerca da relação do interno e do externo também é tratada como um problema da totalidade” (LUKÁCS, 2003, p.79).

O antagonismo inconciliável de classes que caracteriza a ordem capitalista é expresso no plano da ideologia. Dessa maneira, com “a recusa ou obnubilação do método dialético” acaba-se por perder a inteligibilidade do processo histórico; trata-se, portanto, da impossibilidade de compreender a história “enquanto processo unitário”. Para Lukács:

A questão da compreensão unitária do processo histórico surge necessariamente com o estudo de cada época e de cada setor parcial, entre outras coisas. E é aqui que se revela a importância decisiva da concepção dialética da totalidade, pois é inteiramente possível que alguém compreenda e descreva de forma correta os principais pontos de um acontecimento histórico, sem que por isso seja capaz de compreender esse mesmo acontecimento naquilo que ele realmente representa, em sua verdadeira função no interior do conjunto histórico ao qual pertence, isto é, sem compreendê-lo no interior da unidade do processo histórico (LUKÁCS, 2003, p. 83).

A partir dessa crítica, Lukács assevera que a “categoria da totalidade não reduz, portanto, seus elementos a uma uniformidade indiferenciada, a uma identidade”, pois o aspecto relativo à manifestação de sua autonomia; independência em relação à ordem da produção capitalista, só se “revela como pura aparência na medida em que eles chegam a uma inter-relação dialética e dinâmica e passam a ser compreendidos como aspectos dialéticos e dinâmicos de um todo igualmente dialético e dinâmico” (LUKÁCS, 2003, 84). Aqui Lukács se reporta à Marx para inferir que “produção, distribuição, troca e consumo não são idênticos, mas que juntos constituem membros de uma totalidade, diferenças no seio de uma unidade” (LUKÁCS apud MARX, 2003, p. 84). Pois, uma determinada forma de produção, determina, com efeito, as formas do consumo, da distribuição, da troca “[...], bem como *determinadas relações desses diferentes momentos entre si* [...] Há uma ação recíproca entre esses diferentes momentos; é assim

em todo conjunto orgânico” (Idem). Desse modo, podemos assinalar que para Lukács, o conjunto das relações sociais configura uma totalidade dialeticamente determinada, articulada num todo orgânico. Tal relação prefigura e torna-se a determinação que condiciona *a forma de objetividade de todo objeto*. As formas de objetividade de todos os fenômenos sociais, em sua “ação recíproca, dialética e contínua”, de acordo com Lukács, só ganham sentido e inteligibilidade “a partir de sua função na totalidade *determinada* na qual ele funciona fazem com que a concepção dialética da totalidade seja a única a compreender *a realidade como devir social*” (LUKÁCS, 2003, p.85, itálicos no original).

A perspectiva da totalidade, enquanto aspecto constitutivo fundamental do método dialético (na análise da realidade histórico-concreta) permite desvelar as ilusórias formas fetichistas de objetividade, produzidas necessariamente pelo processo capitalista. As “relações reflexivas” dessas formas fetichistas, implicado aí suas leis, surgem de forma inevitável da sociedade capitalista, mas, afirma Lukács “dissimulando as relações reais entre os objetos, mostram-se como as representações necessárias que se fazem os agentes da produção capitalista” (LUKÁCS, 2003, p. 86). Nesse sentido, essas formas fetichistas são, portanto, objeto do conhecimento, mas o objeto conhecido e suas formas fetichistas, não é o próprio modo de produção capitalista, mas a *ideologia da classe dominante*, diz Lukács.

É necessário nesse sentido, afirma Lukács, romper com esse “véu para se chegar ao conhecimento histórico”, porque “as determinações reflexivas das formas fetichistas de objetividade têm por função justamente fazer aparecer os fenômenos da sociedade capitalista como essências supra-históricas” (LUKÁCS, 2003, p. 86). O método pseudocientífico quebra a unidade da totalidade histórico-social, unidade essa caracterizada pela conexão dialética entre o conhecimento verdadeiro da objetividade de um fenômeno; o conhecimento de sua função real na totalidade social e o conhecimento do caráter histórico do processo social. Lukács, acerca dessa questão, exemplifica que o conhecimento da distinção fundamental para a ciência econômica entre *capital constante e capital variável* só foi possível pela aplicação correta do método dialético. E dessa forma, podemos compreender porque a ciência econômica clássica não tinha capacidade de ir além da distinção entre *capital fixo e capital circulante*. Pois, afirma Lukács citando Marx n’*O Capital*:

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

[...] o capital variável é apenas uma manifestação histórica particular dos fundos de subsistência ou dos fundos de trabalho, que o trabalhador precisa para sustentar a si mesmo e sua família e sua reprodução e que ele mesmo deve produzir e reproduzir em todos os sistemas da produção social. Os fundos de trabalho retornam sempre a ele somente sob a forma de pagamento do seu trabalho, pois seu próprio produto sempre se distancia dele mesmo sob a forma de capital [...] A forma mercantil do produto e a forma monetária da mercadoria mascaram a transação (LUKÁCS apud MARX, 2003, p. 86-87).

A “ilusão fetichista” que têm como função precípua, encobrir a realidade e enredar a totalidade dos “fenômenos da sociedade capitalista”, não está limitada apenas a mascarar seu aspecto histórico; transitório. Mas principalmente, porque essa ocultação se torna possível em face das formas de objetividade, nas quais a realidade concreta emerge “necessária” e “imediatamente” ao homem na sociabilidade capitalista, dessa maneira, ocorre igualmente uma ocultação, em primeiro lugar, do conjunto das categorias econômicas, sua natureza essencial, “como formas de objetividade”, *como categorias de relações entre os homens*. A objetividade social (em todas as suas formas) aparecem como coisas; “uma relação entre coisas”. Com efeito, assinala Lukács que “o método dialético, ao mesmo tempo em que rompe o véu da eternidade das categorias, deve também romper seu caráter reificado para abrir caminho ao conhecimento da realidade” (LUKÁCS, 2003, p. 87).

O método dialético e sua concepção de totalidade em Lukács apresentam-se “como conhecimento real” do que ocorre no conjunto do processo social. No que diz respeito à totalidade, a relação dialética das partes com o todo, poderia configurar como uma simples “determinação mental e metódica”, em que as categorias constitutivas da realidade social apareceriam apenas como uma determinação reflexiva da economia burguesa, se tornando apenas um “assunto metodológico”. Todavia, a diferença é bem mais precisa e profunda. Pois de acordo com Lukács:

[...] o fato de que em toda categoria econômica se revela uma determinada relação entre os homens num determinado nível de sua evolução social e de que essa relação se torna consciente e conceitual faz com que o movimento da sociedade humana possa, enfim, ser compreendido em suas leis internas, ao mesmo tempo, como produto dos próprios homens e das forças que surgiram de suas relações e escaparam do seu controle (LUKÁCS, 2003, p. 88).

Nesse aspecto, as *categorias econômicas* se tornam dinâmicas e dialéticas de forma ambivalente. Elas expressam as relações reais entre os homens, pois tem origem nas relações humanas e “funcionam”, afirma Lukács, no processo de transformação dessas relações; impulsionam o desenvolvimento das relações recíprocas entre as determinações da realidade concreta e as ações do sujeito histórico. Em outros termos,

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

“a produção e a reprodução de uma determinada totalidade econômica, que a ciência tem por tarefa conhecer, transformam-se necessariamente [...] em processo de produção e de reprodução de uma sociedade global determinada” (LUKÁCS, 2003, p. 88, itálico nosso). O processo de produção capitalista não produz apenas a mercadoria ou a mais-valia, mas também, a própria relação social capitalista. Ou seja, produz a própria realidade. “Marx reprova Hegel” diz Lukács, por este (e até seus sucessores) não ter superado a dualidade Kantiana entre pensamento e ser, teoria e práxis, sujeito e objeto. Nesse sentido assinala Lukács, estaria aí o ponto de ruptura de Marx com o conhecimento hegeliano “por ser simplesmente um conhecimento *sobre* uma matéria – por si só de natureza estranha -, e não o próprio conhecimento *dessa* matéria, que é a sociedade humana” (LUKÁCS, 2003, p. 90, itálicos no original).

Observe-se que Lukács estabelece uma relação fundamental entre Marx e Hegel; o parentesco e também a ruptura entre o materialismo histórico e a filosofia hegeliana:

O que é real é em si necessário’, diz [Hegel] em sua *filosofia do direito*. A necessidade consiste no fato de que a totalidade é cindida nas distinções de conceitos e essa cisão atinge uma determinação sólida e resistente, que não é uma solidez morta, mas engendra a si mesma sem cessar na dissolução (LUKÁCS apud HEGEL, 2003, p.89, itálico no original).

E continua afirmando que:

É justamente nesse aspecto, em que o profundo parentesco do materialismo histórico com a filosofia de Hegel aparece no problema da realidade, na função da teoria como *autoconhecimento da realidade*, é preciso, mesmo que em poucas palavras, chamar a atenção para o não menos decisivo ponto de ruptura que os separa. Esse ponto de ruptura se encontra igualmente no nível do problema da realidade, do problema da unidade do processo histórico (LUKÁCS, 2003, p. 89, itálico no original).

Assim, em *História e consciência da classe*, Lukács assinala de forma pontual que a categoria da *totalidade* constitui a *essência* do método de Marx. Posto que:

Não é o predomínio de motivos econômicos na explicação da história que distingue de maneira decisiva o marxismo da ciência burguesa, mas **o ponto de vista da totalidade**. A categoria da totalidade, o domínio universal e determinante do todo sobre as partes constituem a essência do método que Marx recebeu de Hegel e transformou de maneira original no fundamento de uma ciência inteiramente nova (LUKÁCS, 2003, p. 105, em negrito nosso).

O método dialético de Marx é concebido, dessa forma, em oposição à “ciência burguesa”. O primado da *totalidade* sobre as *partes* que a compõem é o exato oposto da “ciência burguesa” que compreende os fatos apenas em seus aspectos fenomênicos. A totalidade prepondera de maneira exclusiva no âmbito da epistemologia e não a partir da perspectiva da *ontologia-materialista* (FREDERICO, 2013). Nesse sentido, a

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

possibilidade de “captá-la” se resulta fundamentalmente do *ponto de vista da classe*. De acordo com Celso Frederico (2013) esta foi a solução encontrada por Lukács para dirimir a questão “filosófica do sujeito do conhecimento”, que não se refere mais ao “sujeito transcendental” de Kant, “[...], expressão teórica da divisão do trabalho que manterá irresoluta a antinomia entre o sujeito e objeto, e nem do místico Espírito Absoluto de Hegel, que ‘resolve’ as contradições no plano abstrato” (idem, p. 64). É o proletariado, portanto, o *sujeito coletivo* capaz de engendrar uma verdade que não se coaduna mais com a “contemplação” e “exterioridade” em seu processo de movimento revolucionário histórico-concreto.

O fundamento do argumento de Lukács está pautado na premissa de que “a ciência proletária é revolucionária”, não apenas por contradizer a sociabilidade burguesa com conteúdos revolucionários, mas, principalmente em virtude da “essência revolucionária” do método do materialismo histórico. Porque, assevera Lukács: *o domínio da categoria da totalidade é o portador do princípio revolucionário da ciência*. Isso é um princípio revolucionário da dialética hegeliana, mas que só vai se tornar efetivamente revolucionária com Marx. Todavia, essa transformação revolucionária da dialética hegeliana, não se deu apenas nos termos de uma “inversão materialista”. Pelo contrário diz Lukács, “o princípio revolucionário da dialética hegeliana só pôde se manifestar nessa inversão e por meio dela porque a essência do método, isto é, *o ponto de vista da totalidade*”, bem como a consideração de todos os fenômenos parciais como aspectos do todo, “do processo dialético”, que é assimilado como *unidade do pensamento* e da *história*, foi conservado (LUKÁCS, 2003, p. 106, itálico nosso). Com efeito, *o método dialético* em Marx busca o conhecimento da sociedade como *totalidade*.

O tratamento que o filósofo húngaro dedica à questão da *totalidade* encontra substrato na crítica da “ciência burguesa”, enquanto um campo científico que confere a realidade um certo “realismo ingênuo”, baseado em abstrações que não pertencem ao cerne da filosofia, são necessárias apenas do ponto de vista metodológico e são resultados, de uma lado da “separação prática” dos objetos da pesquisa e, de outro, “da divisão do trabalho” e da “especialização científicas”. O *marxismo*, refuta Lukács, “supera” essas divisões e separações “elevando-as” e “rebaixando-as” à condição de categorias dialéticas. No âmbito do marxismo, não existe uma “ciência jurídica”, “uma economia” ou “uma história” autônomas, mas tão exclusivamente, uma “ciência

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

histórico-dialética”; uma unidade de pensamento e história; de sujeito e realidade pautada na compreensão da sociedade como *totalidade*. Sujeito e objeto estão constituídos numa *interação dialética*. Determinados de forma recíproca pelo *ponto de vista da totalidade*. A “ciência burguesa” costuma considerar, de maneira “ingênua”, “consciente” ou “inconscientemente” os fenômenos sociais a partir da perspectiva do indivíduo, tão somente. Essa perspectiva não consegue atingir nenhuma totalidade. E quando muito só pode alcançar aspectos de um domínio parcial e fragmentário, desconexo e leis abstratas.

A *totalidade* para ser determinada, precisa também que o sujeito que a determina, seja “ele mesmo” uma totalidade. E para que o sujeito consiga compreender a si mesmo, nesse sentido, ele tem que fundamentalmente, pensar o objeto de sua investigação como totalidade. E no contexto desse postulado teórico-metodológico, são as *classes* que configuram esse *ponto de vista da totalidade* como “sujeito da sociedade moderna”. Lukács toma como referência para refutar a vulgarização do marxismo, o pensamento de Rosa Luxemburgo, em *A acumulação do capital*. E ele discute a questão nos seguintes termos: “[...] Essa banalização do marxismo, sua inflexão num sentido ‘científico burguês’ encontraram sua primeira expressão clara e aberta nos *Pressupostos do socialismo*, de Bernstein” (LUKÁCS, 2003, p. 109, *itálico no original*). Esse livro de Bernstein destaca Lukács, começa desferindo um ataque ao método dialético em favor da *ciência exata*, e finaliza com uma acusação atribuindo à Marx o erro de ter incorrido no *blanquismo*.

Para Lukács isso não é um mero acaso:

[...], pois tão logo se abandonam o ponto de vista da totalidade, o ponto de partida e o termo, a condição e a exigência do método dialético, tão logo a revolução deixa de ser compreendida como um momento do processo para ser vista como ato isolado, separado da evolução global, o aspecto revolucionário de Marx deve necessariamente aparecer com uma recaída no período primitivo do movimento operário, no blanquismo (LUKÁCS, 2003, p. 109).

O oportunismo e o reducionismo de Bernstein desfiguram o caráter dialético da história em Marx. Lukács afirma que isso se torna perfeitamente compreensível por se tratar do próprio método da economia vulgar. E nesse contexto, ao se referir aos debates teóricos travados em torno do problema suscitado em *Acumulação do capital* de Rosa Luxemburgo:

Discutia-se, ao contrário, se existia realmente um problema e contestava-se com extrema energia a existência de um problema efetivo. No que se refere ao

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

método da economia vulgar, isso é perfeitamente compreensível e até necessário. Pois, se a questão da acumulação, por um lado, é tratada como um problema particular da economia política, por outro, do ponto de vista do capitalista individual, percebe-se que não existe um verdadeiro problema (LUKÁCS, 2003, p. 111).

O problema central, todavia, adverte Lukács é que: “[...] Essa recusa de todo o problema está estreitamente ligada ao fato de que os críticos de Rosa Luxemburgo ignoraram a parte decisiva do livro *As contradições históricas da acumulação* (LUKÁCS, 2003, p. 111, em itálico nosso) e, conseqüentemente, formularam uma questão que se configurou da seguinte maneira:

[...] são corretas as fórmulas de Marx, que se baseiam no fundamento de uma hipótese metodologicamente isolante de uma sociedade composta apenas de capitalistas e proletários? Qual a melhor maneira de interpretá-los? Os críticos ignoravam por completo o fato de que essa hipótese, em Marx, era apenas uma hipótese metodológica para compreender o problema de maneira mais clara, antes de avançar para a questão mais abrangente, que situava o problema em relação à totalidade da sociedade (LUKÁCS, 2003, p. 111).

Aqui Lukács destaca que os “oportunistas pragmáticos” ignoraram a questão fundamental trata por Marx em *O capital* que foi a “acumulação primitiva”. Precisamente em relação ao fato de que todo *O capital* constitui apenas “um fragmento incompleto” que foi interrompido no exato momento em que tal problema poderia ter sido dirimido. Nesse sentido, o papel de Rosa Luxemburgo, diz Lukács, foi fundamentalmente, “retomar o fragmento de Marx e completá-lo conforme seu espírito”. Rosa Luxemburgo, ao retomar os fundamentos da crítica de Marx à *economia política clássica* visa refutar a apologia ideológica tecida pelos economistas burgueses ao capitalismo. Os “economistas burgueses” identificavam “as leis naturais” descobertas por Ricardo e Smith com o conjunto da realidade social e, assim, justificavam a sociedade capitalista como a única sociedade possível e eterna conforme a “natureza do homem” e sua racionalidade.

Lukács ressalta que assim como as “leis naturais” de Ricardo (que se identificam com a realidade social) se constituem como uma justificação ideológica de “autodefesa” para o *capitalismo ascendente*, a interpretação de Marx e a identificação de suas “abstrações” com a totalidade da sociedade, também, configura uma autodefesa para a “racionalidade” do *capitalismo decadente*. “E do mesmo modo”, confirma Lukács,

[...] como a concepção da totalidade pelo jovem Marx havia iluminado nitidamente os sintomas patológicos do capitalismo ainda florescente, o último brilho do capitalismo adquire na perspectiva de Rosa Luxemburgo, pela integração do seu problema fundamental na totalidade do processo histórico, o

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

caráter de uma dança macabra, de uma marcha de Édipo para seu inelutável destino (LUKÁCS, 2003, p. 114).

A crítica de Rosa Luxemburgo⁶ aos oportunistas da “economia vulgar marxista”, de acordo com Lukács, é rigorosamente fundamentada nos postulados do método e da exposição do próprio Marx. E acerca do método correto de exposição Lukács reporta-se à *Miséria da filosofia* (1847) para salientar que “as categorias econômicas são apenas as expressões teóricas, as abstrações das relações sociais de produção” (LUKÁCS apud MARX, 2003, p. 115). As categorias expressam o movimento da realidade. E elas são “transitórias” e “históricas”. Nessa obra de Marx, Lukács captura a essência do método dialético: a exposição histórica dos problemas sociais; a historicidade concreta da vida social.

No contexto teórico da *Miséria da filosofia*, cabe destacar um aspecto decisivo no método dialético de Marx aqui percebido, que é a *historicidade* dos processos sociais. Marx ao refutar de forma contundente o livro do Sr. Proudhon *Sistema das contradições econômicas ou filosofia da miséria* (1846) assevera que os economistas burgueses

[...] Ao afirmarem que as relações atuais – as relações das produções burguesas – são naturais, os economistas dão a entender que são essas as relações nas quais se cria a riqueza e desenvolvem-se as forças produtivas de acordo com as leis da natureza. Portanto, essas relações são por si mesmas leis naturais independentes da influência do tempo. São leis eternas que devem reger sempre a sociedade. Desse modo, houve história, porém não há mais. Houve a História, visto que houve instituições feudais, e que nessas instituições do feudalismo se encontram relações de produção totalmente diferentes daquelas da sociedade burguesa, que os economistas querem fazer passar por naturais e, por isso, eternas (MARX, 2007, p. 144).

241

Marx destaca, portanto, que as leis da economia bem com a sociedade a que ela corresponde, não são eternas e nem imutáveis, mas pelo contrário “[...] *as formas econômicas sob as quais os homens produzem, consomem, trocam, são transitórias e históricas*” (Idem, p. 50, itálico nosso).

Lukács aponta para o problema central do método dialético: a *categoria da totalidade*. E enfatiza que foi na *Fenomenologia do espírito* de Hegel que esse princípio categorial metodológico ganhou um aporte convincente e que “jamais foi abandonado por Marx”. Com efeito “[...] a unificação hegeliana – dialética – do pensamento e do

⁶ Lukács explica que a referência feita à Rosa Luxemburgo em *História e consciência de classe* ocupa um espaço tão amplo em virtude dela ser “[...] a única discípula da Marx a prolongar realmente a obra de sua vida tanto no sentido dos *atos econômicos* quanto no do *método econômico* e, desse ponto de vista, a colocar *concretamente* no nível atual do desenvolvimento social” (LUKÁCS, 2003, p. 52, itálico no original).

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

ser, a concepção de sua unidade como *unidade* e *totalidade* de um processo, formam também a essência da filosofia da história do materialismo histórico” (LUKÁCS, 2003, p. 116, itálico nosso). Essa unificação hegeliana entre *pensamento* e *ser*; a unidade entre *sujeito* e *objeto*, é capturada por Marx de acordo com Lukács, em face do próprio Hegel e bem mais contra os seus “epígonos”. Para Lukács, o “idealismo absoluto” dos epígonos de Hegel redundava na dissolução da “totalidade primitiva do sistema”; na separação da *dialética da história viva* e, por conseguinte, da supressão da *unidade dialética entre pensamento e ser*.

Notas conclusivas

Esta é uma primeira aproximação da categoria de totalidade a partir das reflexões do Lukács de História e consciência de classes. Interessante notar o caráter original das proposições do filósofo húngaro, que apesar das limitações da obra, o que foi reconhecido posteriormente por ele, consegue indicar a riqueza do materialismo histórico, mesmo sem conhecer textos seminais de Marx, como *Manuscritos econômico-filosóficos* e *Grundrisse*. Nos materiais preparatórios para a *Contribuição à crítica da economia política*, isto é, os *Manuscritos econômicos de 1857-1858* (*Grundrisse*), Marx (2011) chega ao resultado de que não que a produção, distribuição, troca e consumo são idênticos, mas que todos são membros de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade, onde a produção vai além de si mesma como sobrepõe-se aos outros momentos. Aqui expõe-se a categoria de totalidade como uma forma do ser social e, simultaneamente, como recurso dialético de compreensão da realidade.

Concluimos, que retomar o aporte da categoria de totalidade feita por Lukács é ir contra a corrente dominante das ciências humanas atuais: tanto no sentido da tradição de matiz positivista, com seu todo mecânico-funcional, como na vertente irracionalista pós-moderna em sua aversão a qualquer apreensão totalizante do real. Mas, não há outra saída para compreender e superar a totalidade social regida pela lógica do capital.

REFERÊNCIAS

FREDERICO, Celso *A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------

LUKÁCS, *História e consciência de classe*: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2007.

_____. *O Capital*: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

NETTO, José Paulo. Lukács: tempo e modo. IN:_____. *Georg Lukács*: sociologia. Editora Ática, 1992. P. 25-56.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 4	n. 11	Agosto - Dezembro 2017	p. 228 - 243
--------------------------	-------	-------	------------------------	--------------